

Incivilidade online e cancelamento póstumo: a morte do Papa Francisco nas disputas discursivas na plataforma X

Online political incivility and posthumous cancellation: discursive conflicts surrounding Pope Francis's death on platform X

Diogo Pereira da Silva

Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
profdiogo.psilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4350-0967>
<http://lattes.cnpq.br/5248383186264996>

Resumo: Este artigo analisa manifestações de incivilidade online em comentários publicados na plataforma X em resposta a postagem da Jovem Pan News e da Revista Oeste sobre o estado de saúde e a morte do Papa Francisco. O *corpus* reúne 622 comentários coletados em publicações de 20 de fevereiro e 21 de abril de 2025. A partir de análise de conteúdo, o estudo identifica duas estratégias discursivas predominantes: a deslegitimação da autoridade papal associada à construção do Papa como inimigo simbólico e o escárnio vinculado à negação do luto. Os resultados indicam que tais práticas se articulam a dinâmicas de polarização, homogeneidade ideológica e amplificação algorítmica, permitindo compreender o cancelamento póstumo como forma de reconfiguração simbólica da memória pública em ambientes digitais.

Palavras-chave: Incivilidade online; cancelamento póstumo; polarização política; Papa Francisco; plataformas digitais.

Abstract: This article analyzes manifestations of online incivility in comments posted on platform X in response to posts by Jovem Pan News and Revista Oeste about Pope Francis's health condition and death. The *corpus* comprises 622 comments collected from posts published on February 20 and April 21, 2025. Drawing on content analysis, the study identifies two predominant discursive strategies: the delegitimization of papal authority associated with the construction of the Pope as a symbolic enemy, and mockery linked to the denial of mourning. The findings indicate that these practices are articulated with dynamics of polarization, ideological homogeneity, and algorithmic amplification, allowing posthumous cancellation to be understood as a form of symbolic reconfiguration of public memory in digital environments.

Keywords: Online incivility; posthumous cancellation; political polarization; Pope Francis; digital platforms.

Introdução

A morte de lideranças religiosas ou políticas costuma gerar manifestações públicas de luto, homenagens e disputas interpretativas acerca de suas trajetórias. Em ambientes digitais, essas reações assumem formas particularmente visíveis e intensas, uma vez que plataformas de redes sociais permitem a circulação imediata de comentários, avaliações morais e interpretações concorrentes sobre os acontecimentos.

Neste contexto, a morte do Papa Francisco (1936–2025), em 21 de abril de 2025, provocou não apenas manifestações de respeito e reconhecimento por parte de muitos usuários, mas também um conjunto significativo de comentários marcados por críticas de fundo político e religioso, difundidos em espaços digitais associados, em especial, a setores conservadores do debate público.

Nos últimos anos, pesquisadores têm chamado atenção para o papel das plataformas digitais na ampliação de conflitos políticos, culturais e religiosos, bem como para a emergência de formas específicas de agressividade discursiva nesses ambientes (ANDERSON *et al*, 2014; CESARINO, 2022). Autores têm mobilizado o conceito de incivilidade para descrever manifestações discursivas que violam normas convencionais de civilidade no debate público, incluindo insultos, sarcasmo agressivo, desqualificação moral e ataques dirigidos a indivíduos ou instituições (BORMANN, 2022; HARCOURT, 2012; LEE; CHOI; KIM, 2022; ROSSINI; MAIA, 2021)

Os ambientes digitais podem favorecer processos de radicalização discursiva, nos quais interpretações de acontecimentos públicos tendem a se tornar progressivamente mais polarizadas no interior de comunidades ideologicamente alinhadas. Nesses contextos, as redes sociais funcionam não apenas como espaços de circulação de informação, mas como arenas de disputa simbólica nas quais usuários mobilizam repertórios discursivos compartilhados para interpretar eventos políticos, religiosos ou culturais. A interação entre incivilidade e dinâmicas de radicalização discursiva contribui para a formação de ambientes comunicacionais nos quais críticas políticas podem assumir formas progressivamente mais hostis e moralizadas.

No caso específico do Papa Francisco, sua atuação ao longo do pontificado foi, em muitos momentos, interpretada por grupos de oposição conservadora como expressão de uma

aproximação entre o discurso religioso e pautas associadas ao campo progressista, especialmente em temas como justiça social, migração e meio ambiente. Essa percepção contribuiu para que o pontífice se tornasse alvo de críticas recorrentes em determinados segmentos do debate público digital, nos quais sua figura passou a ser associada a categorias políticas como “comunismo”, “globalismo” ou “traição à tradição cristã” (REUTERS, 2025).

Diante desse cenário, este artigo investiga manifestações de incivilidade e radicalização discursiva em comentários publicados na plataforma X (antigo *Twitter*) em resposta a postagens de dois veículos digitais associados ao campo conservador brasileiro: a Revista Oeste e a Jovem Pan News, as quais foram postadas em 20 de fevereiro e 21 de abril de 2025. A escolha dos perfis desses veículos deve-se à posição que ocupam no ecossistema midiático da nova direita brasileira e à intensa circulação de debates políticos em suas publicações digitais (MEDEIROS *et al.*, 2024: 18), bem como por seu papel na construção de um ecossistema de afetos reativos e identidades polarizadas, tal como descreve João Cezar de Castro Rocha (2023).

Esta pesquisa parte da seguinte questão: de que maneira comentários publicados nessas postagens mobilizam formas de incivilidade política e radicalização discursiva na interpretação da morte do Papa Francisco? De modo mais específico, busca-se compreender como esses comentários articulam críticas religiosas, interpretações político-ideológicas e desqualificações morais da figura do pontífice no momento de sua morte.

Metodologicamente, o estudo baseia-se na análise qualitativa de 622 comentários coletados na plataforma X em resposta a postagens desses veículos sobre o adoecimento e o falecimento do Papa Francisco. Com base na análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011), a pesquisa identifica padrões discursivos recorrentes e categorias interpretativas mobilizadas pelos usuários. Embora o enfoque da análise seja predominantemente qualitativo, considera-se também a recorrência de determinados tópicos como indicador de tendências discursivas presentes no *corpus*.

Ao examinar essas manifestações, o artigo busca contribuir para três campos de debate. Em primeiro lugar, para os estudos sobre incivilidade e hostilidade política em ambientes digitais. Em segundo lugar, para as pesquisas sobre religião e antagonismo político em contextos contemporâneos. Por fim, para investigações acerca do papel das redes sociais na construção pública de narrativas e interpretações sobre figuras religiosas e políticas.

A análise apresentada indica que os comentários examinados mobilizam um conjunto relativamente consistente de enquadramentos discursivos, nos quais o Papa Francisco é retratado como responsável por uma suposta politização da Igreja, associado a projetos ideológicos de esquerda ou acusado de ter traído valores considerados centrais para determinados setores da Igreja Católica Apostólica Romana. Observa-se ainda que, em diversos casos, respostas a comentários apresentam níveis de radicalização discursiva superiores aos dos próprios comentários que os originam, sugerindo dinâmicas específicas de amplificação e intensificação do conflito no ambiente digital.

A partir desses elementos, o artigo discute como formas de incivilidade política online participam da construção de interpretações moralizadas da trajetória do pontífice e contribuem para a produção de narrativas que buscam deslegitimar sua atuação religiosa e política no espaço público.

Por fim, o artigo está estruturado em quatro partes. A primeira apresenta o referencial teórico que fundamenta a análise com destaque para os conceitos de incivilidade e radicalização discursiva. A segunda seção descreve os procedimentos metodológicos de coleta, categorização e análise do *corpus*. Na terceira seção, são discutidos os resultados empíricos a partir das categorias discursivas identificadas na análise dos comentários. Nas considerações finais, o trabalho retoma os principais achados da pesquisa e discute suas implicações para o estudo das dinâmicas de conflito político e religioso em ambientes digitais.

1. Incivilidade online e radicalização discursiva em ambientes digitais

A análise das manifestações digitais suscitadas pela morte do Papa Francisco exige a mobilização de um referencial teórico capaz de compreender as formas contemporâneas de hostilidade discursiva em ambientes mediados por plataformas digitais. Nas últimas décadas, estudos em comunicação política e sociologia da mídia têm destacado que a interação política em redes sociais tende a assumir formas mais polarizadas e emocionalmente carregadas, nas

quais a crítica frequentemente se expressa por meio de linguagem agressiva, desqualificação moral e antagonismo identitário (MUTZ, 2006; ANDERSON *et al.*, 2014; CESARINO, 2022).

Parte dessa literatura indica que a ampliação da participação política em ambientes digitais não implica, necessariamente, maior qualidade deliberativa. Como indica Diana Mutz (2006), a exposição a visões divergentes pode gerar tensões que dificultam a construção de consensos, revelando limites da ideia de uma esfera pública orientada pelo debate racional. Em contextos digitais marcados por segmentação ideológica, tais tensões tendem a se intensificar.

Nesse cenário, o conceito de incivilidade tem sido mobilizado para descrever manifestações discursivas que violam normas de respeito no debate público, como insultos, sarcasmo agressivo, ataques pessoais e desqualificação de interlocutores ou instituições (HARCOURT, 2012; ROSSINI, 2021; ROSSINI; MAIA, 2021). Diferentemente do discurso de ódio, geralmente associado à discriminação contra grupos vulneráveis, a incivilidade refere-se a um espectro mais amplo de práticas comunicacionais que deterioram o debate público e reforçam antagonismos políticos. A própria definição de civilidade possui dimensão política, estando historicamente associada à capacidade de determinados grupos de estabelecer os limites do discurso legítimo, como observa Bernard Harcourt (2012: 304):

Em seu uso atual mais comum, a civilidade qualifica a política. Trata-se de um tipo de política, um tipo de discurso político que não agride, fere ou ofende os demais cidadãos. O uso aqui conota um discurso ou comportamento “apropriado às interações civilizadas; polidez, cortesia, consideração” (aliás, neste caso, a civilidade no discurso político já não se encontra limitada ao governo civilizado. Pode-se falar de um chefe de estado que exige civilidade em suas relações com seus aliados ou mesmo com seus inimigos).

Pesquisas empíricas indicam que a incivilidade pode desempenhar funções distintas em interações digitais. Em alguns contextos, atua como forma de contestação política; em outros, funciona como mecanismo de reforço identitário em comunidades ideologicamente alinhadas (ROSSINI, 2021; ROSSINI; MAIA, 2021). Estudos também apontam que esse tipo de linguagem tende a ser percebido como relativamente normalizado nas redes sociais, o que contribui para sua reprodução e amplificação (ANDERSON *et al.*, 2014; LEE; CHOI; KIM, 2022).

Essas dinâmicas se articulam a processos mais amplos de radicalização discursiva. Interações em ambientes ideologicamente homogêneos tendem a intensificar posições

previamente existentes, fenômeno descrito como polarização de grupo por Cass Sunstein (1999: 4), para a qual:

Em síntese, a polarização de grupo ocorre quando os membros de um grupo em deliberação se deslocam para um ponto mais extremo na direção já indicada pela tendência prévia do grupo antes da discussão. “Assim como moléculas polarizadas, os membros do grupo tornam-se ainda mais alinhados na direção para a qual já estavam inclinados.” A polarização de grupo é a consequência convencional da deliberação coletiva. Nesses contextos, interpretações de acontecimentos públicos tornam-se progressivamente mais extremadas à medida que circulam entre indivíduos que compartilham orientações políticas semelhantes (Tradução nossa).

As plataformas digitais ampliam esse processo ao favorecer a formação de comunidades discursivas relativamente homogêneas, frequentemente descritas como câmaras de eco. Nessas configurações, usuários são expostos predominantemente a conteúdos que confirmam suas crenças, reduzindo a circulação de perspectivas divergentes e reforçando interpretações compartilhadas (SUNSTEIN, 1999; COTA *et al.*, 2019). No *corpus* analisado neste estudo, essa dinâmica manifesta-se na predominância de comentários críticos e na recorrência de enquadramentos discursivos convergentes sobre a figura do pontífice.

A circulação de conteúdos visuais, como memes e montagens, também desempenha papel relevante nesse processo. Em ambientes polarizados, tais formatos ampliam a dimensão emocional das mensagens e contribuem para a difusão de representações simplificadas e moralizadas de atores públicos (ANDERSON *et al.*, 2014). Nos comentários analisados, esses recursos aparecem associados a estratégias de ridicularização e deslegitimação simbólica do Papa Francisco.

No contexto brasileiro, essas dinâmicas têm sido associadas ao fenômeno da chamada guerra cultural. Letícia Cesarino (2022) argumenta que redes sociais favorecem a circulação de narrativas altamente moralizadas, nas quais adversários são frequentemente representados como ameaças existenciais. Nesse tipo de ambiente, a comunicação política tende a operar por meio de oposições binárias, estruturadas em torno da distinção entre “nós” e “eles”.

Essas práticas se inserem em um ecossistema comunicacional estruturado por afetos negativos, radicalização algorítmica e polarização ideológica. João Cezar de Castro Rocha (2023) descreve esse cenário como uma guerra cultural, na qual o antagonismo se manifesta em atos discursivos que operam como rituais de identificação. Nesse contexto, zombar da morte do Papa

Francisco deixa de ser uma violação das normas de respeito póstumo e se converte em gesto de fidelidade a um grupo ideológico e de rejeição a tudo que pontífice simbolizava: justiça social, acolhimento, diálogo inter-religioso e crítica ao autoritarismo.

A análise de comentários publicados em redes sociais permite observar como essas dinâmicas se materializam em interações cotidianas. No caso específico do falecimento do Papa Francisco, os dados examinados indicam que interpretações religiosas e disputas político-ideológicas se articulam em formas recorrentes de incivilidade e radicalização discursiva. Comentários marcados por escárnio, acusações ideológicas e desqualificações morais evidenciam que a morte de uma figura religiosa global pode tornar-se objeto de disputas simbólicas intensas em ambientes digitais.

A partir desse referencial, este artigo examina como tais formas discursivas se manifestam em comentários publicados na plataforma X em resposta a postagens de veículos associados ao campo conservador brasileiro. O objetivo é identificar padrões recorrentes e compreender de que maneira esses discursos participam da construção pública de narrativas sobre a trajetória do pontífice e sobre o significado político de sua morte.

Nesse sentido, as manifestações de escárnio e deslegitimação analisadas não devem ser tratadas como episódios isolados, mas como parte de uma dinâmica discursiva mais ampla, estruturada por lógicas de visibilidade, engajamento e antagonismo que caracterizam o funcionamento contemporâneo das plataformas digitais.

2. Considerações metodológicas

Este estudo analisa comentários publicados na plataforma X (antigo Twitter) em resposta a postagens relacionadas ao falecimento do Papa Francisco. A escolha dessa plataforma está associada a características específicas de sua arquitetura comunicacional. Diferentemente de outras redes sociais, o X organiza a interação pública em cadeias abertas de comentários, permitindo que respostas, réplicas e debates se tornem imediatamente visíveis e acessíveis a outros usuários. Essa estrutura favorece a observação de disputas discursivas em tempo real e

torna a plataforma um espaço particularmente relevante para o estudo de interpretações concorrentes sobre acontecimentos públicos (ENGELMANN *et al.*, 2019; ZUBIAGA *et al.*, 2016).

Além disso, o X ocupa posição central na circulação de debates políticos e midiáticos contemporâneos, reunindo veículos de comunicação, influenciadores políticos e comunidades ideologicamente mobilizadas (MANGEROTTI; RIBEIRO; GONZÁLEZ-ALDEA, 2021; CESARINO, 2022). Essa configuração contribui para que eventos de grande repercussão desencadeiem fluxos intensos de comentários e avaliações públicas, frequentemente marcados por interpretações divergentes e por formas de incivilidade discursiva.

O *corpus* da pesquisa foi delimitado a comentários publicados em postagens de dois veículos digitais brasileiros: Jovem Pan News (2025a; 2025b) e Revista Oeste (2025). A escolha desses perfis não se justifica pela ausência de manifestações semelhantes em outros contextos, mas por sua relevância no ecossistema midiático da nova direita brasileira e pela capacidade de mobilizar audiências politicamente engajadas. Como indicam Medeiros, Ornelas, Baldaia e Araújo “[...] meios de comunicação como Jovem Pan e Revista Oeste, conhecidos por suas perspectivas alinhadas a Bolsonaro, refletiram e influenciaram seu espectro ideológico mais amplo dentro do Brasil” (MEDEIROS *et al.*, 2024: 18).

A delimitação do *corpus* a esses perfis constitui, portanto, uma estratégia analítica orientada à observação de um ambiente discursivo específico, no qual críticas ao pontificado de Francisco já se encontravam previamente estruturadas. Assim, os dados analisados não pretendem representar o conjunto das interações nas redes sociais brasileiras, mas oferecer um recorte situado que permite examinar, com maior densidade, padrões discursivos em comunidades ideologicamente alinhadas.

A coleta dos dados foi realizada diretamente na plataforma X, a partir de postagens publicadas em dois momentos: 20 de fevereiro de 2025, quando foi noticiado que o Papa Francisco havia recebido o sacramento da extrema-unção, e 21 de abril de 2025, data de seu falecimento. Foram selecionadas postagens que mencionavam explicitamente esses eventos e que apresentavam elevado volume de interações.

Optou-se, para isso, pela utilização da Análise de Conteúdo, conforme sistematizada por Laurence Bardin (2011), por sua capacidade de contemplar tanto os conteúdos explícitos dos textos quanto os elementos latentes, suas articulações simbólicas e os padrões reiterativos que

estruturam os discursos. Trata-se de um método particularmente apropriado para examinar práticas linguísticas que mobilizam afetos coletivos, constroem fronteiras morais e operam exclusões simbólicas em ambientes digitais marcados pela polarização e pela lógica da viralização.

A coleta foi realizada manualmente, opção metodológica que permitiu maior controle qualitativo do material analisado, incluindo a verificação de duplicações, a exclusão de mensagens automatizadas e a seleção de comentários efetivamente relacionados ao tema. O *corpus* final é composto por 622 comentários.

Além da análise qualitativa, foi incorporada uma dimensão quantitativa descritiva mínima, com o objetivo de identificar a distribuição geral das posições expressas no *corpus*. Os dados indicam predominância significativa de comentários críticos ou hostis em relação ao Papa Francisco, com baixa incidência de manifestações favoráveis, o que contribui para contextualizar os padrões discursivos analisados nas seções seguintes.

Foram adotados critérios explícitos de inclusão e exclusão. Foram incluídos comentários que: (a) apresentavam conteúdo textual relacionado ao falecimento; (b) mobilizavam avaliações morais, políticas ou religiosas; (c) expressavam interpretações sobre a trajetória do pontífice. Foram excluídos: (a) comentários compostos apenas por imagens ou emojis; (b) mensagens de spam; (c) conteúdos sem relação temática; (d) respostas automatizadas ou repetidas.

A análise foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa inspirada na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), combinada com procedimentos interpretativos voltados à identificação de padrões discursivos recorrentes. O processo analítico foi estruturado em três etapas: (1) leitura exploratória do *corpus*; (2) codificação e categorização das estratégias discursivas; (3) interpretação articulada ao referencial teórico.

A partir desse processo, foram identificadas cinco categorias principais: (1) deslegitimação da autoridade papal; (2) escárnio e ridicularização; (3) negação do luto; (4) politização da figura do Papa; (5) desqualificação moral. Essas categorias operam de forma combinada, estruturando interpretações fortemente moralizadas e contribuindo para a intensificação do antagonismo político-religioso no ambiente digital.

Como toda pesquisa baseada em interações online, este estudo apresenta limitações. Comentários em plataformas digitais podem incluir contas automatizadas, perfis anônimos ou

ações coordenadas de comunicação política (WOOLLEY; HOWARD, 2018; LUCERI *et al.*, 2019). Contudo, como o objetivo da pesquisa não é identificar autoria individual, mas analisar padrões discursivos, tais limitações não comprometem os resultados interpretativos.

3. Análise das Estratégias Discursivas

A análise do *corpus* revelou um conjunto relativamente consistente de padrões discursivos mobilizados nos comentários publicados em resposta às postagens da Jovem Pan News (2025a; 2025b) e da Revista Oeste (2025) sobre o estado de saúde e o falecimento do Papa Francisco. Como indicado na seção metodológica, o material analisado corresponde a 622 comentários publicados na plataforma X em reação a postagens divulgadas nos dias 20 de fevereiro de 2025, quando foi noticiado que o pontífice havia recebido a extrema-unção, e 21 de abril de 2025, data de sua morte.

Tabela 1: Distribuição dos comentários por posicionamento

Postagem	Total de comentários	Críticos	Favoráveis /Neutros	% Críticos
Revista Oeste (21/04/2025)	377	374	3	99,20%
Jovem Pan (20/02/2025)	64	50	14	78,10%
Jovem Pan (21/04/2025)	181	178	3	98,30%
Total	622	602	20	-

Fonte: Elaboração própria.

Embora a pesquisa tenha sido conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, a sistematização quantitativa básica dos comentários permite identificar a configuração geral do ambiente discursivo analisado. Como mostra a Tabela 1, há uma predominância expressiva de posicionamentos críticos ao Papa Francisco nas três postagens examinadas. Na publicação da Revista Oeste (21/04/2025), 99,2% dos comentários são críticos, enquanto nas postagens da Jovem Pan os percentuais variam entre 78,1% (20/02/2025) e 98,3% (21/04/2025).

Mais do que indicar frequência, esses dados sugerem a existência de um ambiente discursivo fortemente homogêneo, no qual interpretações negativas do pontífice não apenas predominam, mas estruturam o horizonte interpretativo das interações. Em termos analíticos, trata-se de um contexto compatível com dinâmicas de polarização de grupo e formação de comunidades discursivas alinhadas, nas quais posições críticas tendem a se reforçar mutuamente.

Ainda que minoritários, comentários favoráveis ou neutros também foram identificados, especialmente na postagem da Jovem Pan de 20 de fevereiro de 2025 (21,9%). Esses comentários expressam, em geral, respeito à trajetória do pontífice, manifestações de luto ou reconhecimento de sua atuação pastoral. No entanto, sua baixa incidência, associada à predominância massiva de posições críticas, indica uma assimetria discursiva significativa, na qual vozes dissonantes possuem baixa capacidade de influenciar o tom geral das interações.

As figuras 1, 2 e 3 apresentam as publicações que deram origem às cadeias de comentários analisadas.

Figura 1: Publicação na conta oficial da Jovem Pan News, em 20 de fevereiro de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025a).

Figura 2: Publicação na conta oficial da Jovem Pan News, em 21 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025b).

Figura 3: Publicação na conta oficial Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

A leitura sistemática do *corpus* evidencia que os comentários não se organizam predominantemente como respostas informativas ao evento noticiado, mas como intervenções orientadas por enquadramentos políticos e morais previamente estabilizados. Nesse contexto, a morte do pontífice funciona menos como acontecimento biográfico e mais como gatilho para a ativação de repertórios discursivos já disponíveis nas comunidades analisadas.

À luz da literatura sobre incivildade online, essas manifestações correspondem a formas de comunicação que violam normas convencionais de respeito no debate público, incluindo insultos, ridicularização e desqualificação moral. No *corpus* analisado, tais práticas assumem caráter sistemático, operando como estratégias discursivas recorrentes.

A análise permitiu identificar duas estratégias predominantes que estruturam grande parte das interações: (a) deslegitimação da autoridade papal associada à construção do Papa como inimigo simbólico; (b) escárnio e negação do luto, caracterizados pela transformação da morte em objeto de ridicularização. A unificação da primeira dimensão decorre do fato de que, empiricamente, a deslegitimação da autoridade religiosa aparece frequentemente articulada à construção do pontífice como representante de um campo político adversário.

Essas estratégias frequentemente aparecem combinadas em um mesmo comentário, produzindo interpretações fortemente moralizadas da trajetória do pontífice e reconfigurando o evento de sua morte como ocasião legítima de contestação política e simbólica.

3.1. Deslegitimação da autoridade papal e a construção do Papa como inimigo simbólico

Uma das estratégias mais recorrentes no *corpus* consiste na tentativa sistemática de deslegitimação da autoridade moral e religiosa do Papa Francisco. Essa operação se realiza, sobretudo, por meio da associação do pontífice a categorias que o grupo considera como depreciativas ou politicamente estigmatizadas, como “comunista”, “satanista”, “papa woke” ou “traidor da fé”. Mais do que expressar discordância, tais classificações funcionam como dispositivos retóricos de reclassificação simbólica, deslocando o Papa do campo da autoridade espiritual para o campo do antagonismo político.

Nesse processo, a crítica à atuação do pontífice deixa de se limitar a avaliações pastorais ou doutrinárias e passa a questionar a própria legitimidade de sua posição institucional. Como indicam Harcourt (2012), Rossini e Maia (2021), Lee, Choi e Kim (2022), formas de incivildade dirigidas a figuras públicas frequentemente operam como estratégias de contestação da

autoridade, nas quais a linguagem depreciativa funciona como mecanismo de desqualificação simbólica.

No *corpus* analisado, essa dinâmica manifesta-se de forma recorrente na associação do Papa a ideologias políticas específicas. A acusação de “comunismo”, por exemplo, aparece como chave interpretativa dominante, por meio da qual decisões pastorais são reinterpretadas como evidências de alinhamento ideológico. Esse deslocamento reconfigura o debate: questões teológicas passam a ser lidas em termos de conflito político contemporâneo.

A deslegitimação também se expressa por meio de recursos visuais, como memes e montagens, que intensificam a dimensão simbólica da injúria. Nas figuras 4 e 5, o Papa é associado a imagens demoníacas, seja pela presença de figuras infernais, seja pela atribuição de traços caricaturais como chifres. Esse tipo de representação amplia o efeito discursivo da desqualificação ao mobilizar repertórios visuais de corrupção moral e religiosa, convertendo o pontífice em figura antagônica à própria fé que representa.

Figura 4: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 20 de fevereiro de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025a).

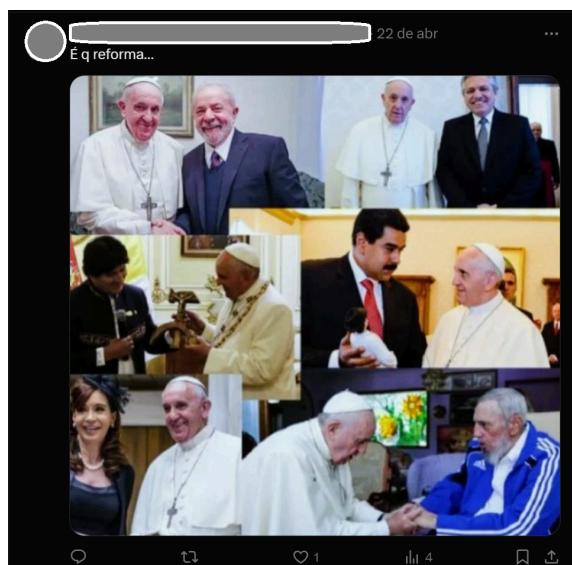
Figura 5: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 21 de fevereiro de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Processo semelhante ocorre nas montagens que vinculam o Papa a lideranças políticas latino-americanas associadas ao campo da esquerda como Fidel Castro, Nicolás Maduro, Lula da Silva (figura 6). Nesses casos, a imagem do pontífice é inserida em um imaginário político específico, frequentemente marcado por símbolos como a foice e o martelo (figura 7). Essa associação opera como mecanismo de deslocamento identitário, redefinindo o Papa como agente de um campo ideológico percebido como adversário do cristianismo.

Figura 6: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Figura 7: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025

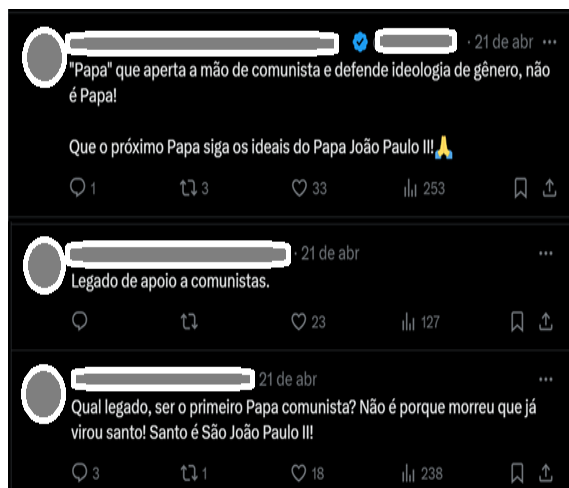


Fonte: Jovem Pan News (2025).

Outro recurso recorrente consiste na comparação entre o pontificado de Francisco e o de João Paulo II, frequentemente apresentado como último representante legítimo da tradição católica (figuras 8 a 11). Esse contraste mobiliza uma narrativa de declínio, na qual o presente é interpretado como ruptura em relação a um passado idealizado. A comparação não funciona apenas como avaliação histórica, mas como estratégia de legitimação retroativa, que redefine as fronteiras do que é considerado “ortodoxo” no interior da Igreja.

Esse tipo de enquadramento opera por meio de uma narrativa de declínio e queda, na qual o pontificado de Francisco é interpretado como ruptura em relação a um passado idealizado. A comparação com João Paulo II funciona, assim, como recurso de legitimação simbólica: ao apresentar o pontífice polonês como referência de ortodoxia doutrinária e firmeza moral e anticomunismo, os comentários analisados constroem um contraste que posiciona Francisco como representante de uma suposta inflexão progressista no interior da Igreja Católica. Em diversos contextos, críticas provenientes de setores conservadores têm associado o pontificado de Francisco a mudanças de tom pastoral, especialmente em temas como justiça social, migração e inclusão de grupos marginalizados, interpretadas por alguns atores como afastamento da tradição eclesial (REUTERS, 2025).

Figura 8: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



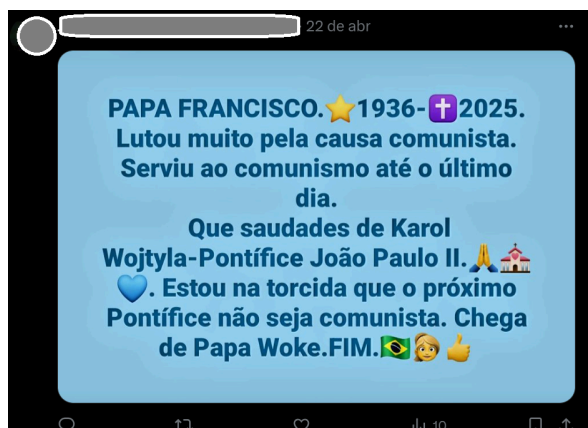
Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 9: Publicação na conta oficial da Jovem Pan News, em 21 e 22 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 10: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Figura 11: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

As críticas às iniciativas de reforma pastoral seguem a mesma lógica. Termos como “modernização” ou “abertura” são recodificados como sinais de desvio doutrinário, enquanto ações associadas à inclusão ou ao diálogo com pautas contemporâneas são reinterpretadas como evidências de corrupção institucional. Nas figuras 12 e 13, essa dinâmica se materializa na

associação do Papa a símbolos políticos contemporâneos, como a bandeira LGBTQIAPN+, reforçando sua inscrição no campo do antagonismo moral.

A recorrência dessas estratégias indica que a deslegitimação não se limita a críticas pontuais, mas constitui um processo de redefinição simbólica da própria autoridade religiosa. Nesse contexto, a figura do Papa deixa de operar como referência de continuidade institucional e passa a ser representada como elemento de ruptura.

Figura 12 – Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Figura 13: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 22 de abril de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Ao mobilizar esse repertório simbólico, os comentários analisados constroem uma narrativa segundo a qual o Papa Francisco teria se tornado um agente de transformação ideológica no interior da própria Igreja Católica. Nesse enquadramento discursivo, a figura do pontífice deixa de operar como símbolo de continuidade espiritual e passa a ser representada como elemento de ruptura institucional.

A recorrência dessas estratégias sugere que a deslegitimação da autoridade não se limita a críticas pontuais a decisões pastorais ou posicionamentos políticos. Em muitos casos, trata-se de uma tentativa de redefinir as fronteiras simbólicas do próprio catolicismo, estabelecendo distinções entre aquilo que determinados grupos consideram a “verdadeira fé” e aquilo que percebem como desvio doutrinário.

Esse padrão pode ser interpretado à luz das dinâmicas de polarização descritas por Sunstein (1999) e Harcourt (2012), segundo as quais ambientes ideologicamente homogêneos tendem a intensificar posições e reforçar enquadramentos compartilhados. A repetição de categorias como “comunista” ou “anticristo” sugere a atuação de mecanismos de radicalização intra-grupal, nos quais interpretações convergentes são progressivamente amplificadas.

Nesse cenário, figuras públicas são reconfiguradas como representantes de campos morais opostos, estruturando divisões entre “nós” e “eles”, como prefigura as análises de Letícia Cesarino (2022) que permitem aprofundar essa leitura ao evidenciar que, em ambientes digitais polarizados, a disputa política se organiza em torno de narrativas de antagonismo identitário. A deslegitimação do Papa Francisco, nesse sentido, não constitui apenas expressão de desacordo religioso ou político, mas integra uma dinâmica mais ampla de produção de fronteiras simbólicas no espaço público digital.

3.2. O cancelamento póstumo de um inimigo simbólico

A segunda estratégia discursiva predominante no *corpus* consiste no uso sistemático do escárnio como mecanismo de deslegitimação póstuma. Diferentemente da crítica política convencional, os comentários analisados não se limitam a avaliar a trajetória do Papa Francisco, mas operam na revogação simbólica do luto, transformando sua morte em objeto de ridicularização pública.

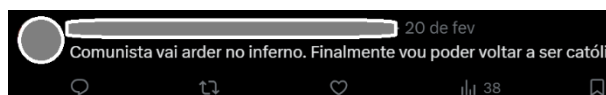
Esse padrão manifesta-se por meio de comentários jocosos, emojis, memes e montagens visuais que convertem o falecimento em ocasião de celebração irônica ou condenação moral. Em vez de produzir reconhecimento institucional ou reverência religiosa, essas interações buscam neutralizar qualquer possibilidade de valorização simbólica da morte, reconfigurando o evento como momento de julgamento retrospectivo.

À luz da literatura sobre incivilidade e ódio digital, esse tipo de prática pode ser compreendido como forma de humilhação pública mediada por plataformas, na qual ataques reiterados produzem efeitos duradouros sobre a reputação e a memória de figuras públicas

(CITRON, 2014). No *corpus* analisado, essa lógica se estende para além da vida do sujeito, operando sobre sua memória social.

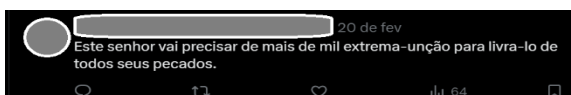
Exemplos como “Comunista vai arder no inferno. Finalmente vou poder voltar a ser católico” (figura 14) ou “Este senhor vai precisar de mais de mil extrema-unções para livrá-lo de todos os seus pecados” (figura 15) ilustram como a linguagem mobilizada não apenas expressa discordância, mas redefine o falecido como objeto de condenação moral. Nesse processo, o Papa deixa de ser reconhecido como líder religioso e passa a ser representado como personagem simbólico de um campo político adversário

Figura 14: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 20 de fevereiro de 2025



Fonte: Jovem Pan News (2025).

Figura 15: Postagem na conta oficial da Jovem Pan News, em 20 de fevereiro de 2025

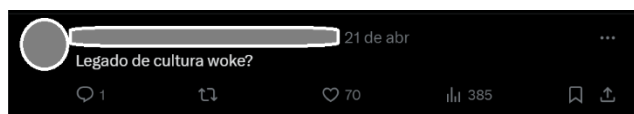


Fonte: Jovem Pan News (2025).

Esse conjunto de práticas pode ser descrito como cancelamento póstumo, entendido como a continuidade de processos de deslegitimação após a morte, voltados à reinterpretação negativa da trajetória pública de um indivíduo. A morte, nesse contexto, não encerra a disputa simbólica, mas funciona como gatilho para sua intensificação.

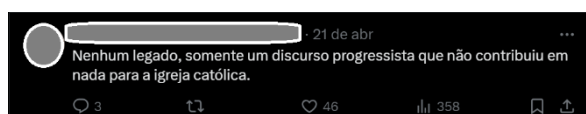
A reação à publicação da Revista Oeste em 21 de abril de 2025, afirmando que o Papa “deixou um legado na história da Igreja Católica”, exemplifica esse mecanismo. A postagem desencadeou uma série de reações marcadas por sarcasmo, indignação e ridicularização (figuras 16 a 25). Em vez de produzir manifestações de pesar ou reconhecimento institucional, o anúncio da morte gerou uma sequência de comentários que reinterpretavam o evento como confirmação de uma narrativa política previamente estabelecida.

Figura 16: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 17: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 18: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



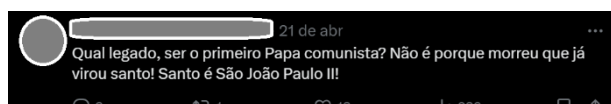
Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 19: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



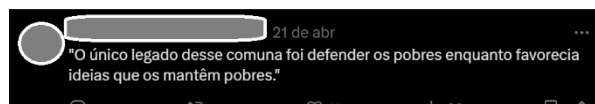
Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 20: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 21: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 22: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 23: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 24: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Figura 25: Postagem na conta oficial da Revista Oeste, em 21 de abril de 2025



Fonte: Revista Oeste (2025).

Entre as manifestações observadas encontram-se memes, montagens visuais e comentários que celebram a morte do pontífice ou sugerem sua condenação espiritual. Em um dos exemplos mais expressivos, uma montagem representa Jesus chicoteando o Papa Francisco (figura 24), reinterpretando simbolicamente a narrativa bíblica da expulsão dos vendilhões do templo. Nesse tipo de representação, a figura do pontífice é associada a uma suposta corrupção da Igreja, sendo retratada como inimigo da fé que teria sido finalmente punido.

Danielle Citron (2014), ao tratar dos crimes de ódio no ciberespaço, alerta que a exposição reiterada de insultos e humilhações compromete não apenas a integridade do indivíduo em vida, mas também sua memória coletiva. No ambiente digital, a injúria não prescreve: ela se repete, se acumula e se amplifica, moldando narrativas duradouras que interditam o reconhecimento póstumo. Assim, o escárnio contra Francisco não visa apenas ridicularizar sua morte, mas neutralizar qualquer possibilidade de luto compartilhado – transformando o falecimento em ocasião para reafirmação ideológica, gozo moral e alinhamento grupal.

A partir das análises das dinâmicas de polarização de grupo descritas por Harcourt (2012) e Lee, Choi e Kim (2022), em ambientes ideologicamente homogêneos, interpretações convergentes tendem a se reforçar mutuamente, produzindo escaladas de radicalização discursiva. Nesse contexto, o escárnio não opera apenas como expressão de desprezo, mas como mecanismo de coesão interna. Nesses ambientes, a circulação de memes, piadas e insultos funciona como marcador de pertencimento, estruturando a distinção entre “nós” e “eles”. O escárnio da morte do Papa, nesse sentido, atua como gesto performativo de alinhamento ideológico. Como observa João Cezar de Castro Rocha (2023), a lógica da guerra cultural não se expressa apenas em embates institucionais, mas nas performances do cotidiano digital, nas quais o antagonismo simbólico se converte em ferramenta de coesão. O escárnio da morte do Papa opera nesse registro: cada piada, meme ou emoji repetido atua como marcador de posicionamento ideológico; isto não apenas circula, mas acumula, viraliza e ganha status de verdade performada. Com isso, torna irreconhecível o legado do Papa e ilegítima qualquer tentativa de memória respeitosa, dissolvendo sua figura em uma caricatura política a ser expurgada.

No ambiente das plataformas digitais, essa dinâmica é intensificada por mecanismos algorítmicos que privilegiam conteúdos emocionalmente mobilizadores. Comentários marcados por indignação, sarcasmo ou desprezo tendem a gerar maior engajamento, ampliando sua circulação e reforçando sua centralidade no debate público (CESARINO, 2022). O escárnio passa, assim, a operar como capital simbólico, isto é, como recurso capaz de produzir visibilidade e reconhecimento dentro de comunidades politicamente alinhadas.

Nesse contexto, o cancelamento póstumo do Papa Francisco não pode ser reduzido a manifestações individuais de hostilidade. Trata-se de uma prática discursiva coletiva, inserida em dinâmicas estruturais de polarização digital, na qual a ridicularização pública atua como mecanismo de reclassificação simbólica. Ao transformar a morte em objeto de escárnio, os comentários analisados contribuem para redefinir retroativamente o significado da trajetória do pontífice, deslocando sua memória do campo institucional para o campo do conflito ideológico.

4. Dinâmicas das Plataformas Digitais

As estratégias discursivas analisadas nas seções anteriores não podem ser compreendidas apenas como manifestações individuais ou desvios éticos pontuais. Elas se inscrevem em um ecossistema comunicacional, estruturado por plataformas digitais que reorganizam as condições de produção, circulação e visibilidade do discurso público. Nesse ambiente, interações sociais são mediadas por infraestruturas algorítmicas e por modelos econômicos baseados na captura e monetização da atenção.

Nesse sentido, as plataformas digitais não operam como canais neutros de comunicação, mas como arquiteturas sociotécnicas que condicionam quais conteúdos ganham visibilidade, circulação e permanência. Como argumenta Evgeny Morozov (2018), a racionalidade algorítmica das redes prioriza conteúdos emocionalmente polarizados, elevando o discurso de ódio à condição de ativo lucrativo, uma vez que gera reações intensas, e engajamento emocional, isto é, são conteúdos que viralizam:

O modelo de negócios da Big Tech funciona de tal maneira que deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo o que importa é se elas viralizam (ou seja, se geram números recorde de cliques e curtidas), uma vez que é pela análise de nossos cliques e curtidas, depurados em retratos sintéticos de nossa personalidade, que essas empresas produzem seus enormes lucros. Verdade é o que gera mais visualizações. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas. [...] Caso não encontremos formas de controlar essa infraestrutura, as democracias se afogarão em um tsunami de demagogia digital; esta, a fonte mais provável de conteúdos virais: o ódio, infelizmente, vende bem mais que a solidariedade (MOROZOV, 2018: 11-12).

De modo complementar, Pieter Verdegem (2024) demonstra que esses ambientes são organizados por sistemas algorítmicos orientados por métricas de engajamento, que tendem a priorizar conteúdos capazes de gerar respostas emocionais intensas.

Essa lógica ajuda a explicar por que, no *corpus* analisado, comentários marcados por escárnio, indignação ou antagonismo político apresentam alta recorrência e visibilidade. Conteúdos que mobilizam emoções negativas (como raiva, desprezo ou ressentimento) tendem a gerar maior volume de interações, aumentando sua circulação nos fluxos informacionais das

plataformas. Nesses contextos, a visibilidade não é distribuída de forma aleatória, mas orientada por critérios que favorecem conteúdos emocionalmente mobilizadores.

Como resultado, o próprio funcionamento das plataformas contribui para a amplificação de narrativas polarizadoras e para a intensificação de conflitos simbólicos no espaço público digital. As manifestações de incivilidade observadas neste estudo não devem, portanto, ser interpretadas apenas como expressão de posicionamentos individuais, mas como práticas discursivas que encontram nas dinâmicas algorítmicas condições favoráveis para sua reprodução, circulação e normalização.

4.1. Algoritmos da indignação

O ambiente comunicacional das plataformas digitais contemporâneas é estruturado por sistemas de recomendação algorítmica que organizam a visibilidade dos conteúdos circulantes nas redes. Esses sistemas operam a partir da coleta e análise massiva de dados comportamentais (como curtidas, compartilhamentos, tempo de visualização e histórico de navegação) com o objetivo de priorizar conteúdos capazes de maximizar o engajamento dos usuários (NARAYANAN, 2023). Esse modelo técnico está diretamente vinculado à economia política das plataformas digitais, baseada na monetização da atenção e na conversão da interação social em dados economicamente exploráveis.

Nesse contexto, os algoritmos não apenas distribuem informação, mas estruturam as condições de visibilidade do discurso público. Como argumenta Morozov (2018), tais sistemas atuam como mediadores centrais da esfera pública digital, promovendo determinadas formas de interação e marginalizando outras. Ao operarem com base em métricas de engajamento, tendem a privilegiar conteúdos capazes de gerar respostas emocionais intensas, ampliando sua circulação nos fluxos informacionais.

Essa dinâmica contribui para explicar por que, no *corpus* analisado, comentários marcados por escárnio, indignação e antagonismo político aparecem com elevada frequência e visibilidade. Conteúdos que mobilizam emoções negativas (como raiva, desprezo ou

ressentimento) apresentam maior probabilidade de gerar interações, o que reforça sua difusão nas plataformas e sua permanência nos circuitos comunicacionais.

Além disso, a lógica algorítmica de personalização tende a expor os usuários a conteúdos alinhados às suas preferências previamente registradas, favorecendo a formação de comunidades discursivas relativamente homogêneas. Nesses ambientes, interpretações convergentes são reiteradas e reforçadas, contribuindo para a consolidação de narrativas coletivas mais rígidas e para a intensificação do antagonismo em relação a atores percebidos como adversários.

Nas interações examinadas neste estudo, esse processo manifesta-se na recorrência de comentários que combinam desqualificação moral, caricaturização e ridicularização da figura do Papa Francisco. Tais manifestações não podem ser compreendidas apenas como expressões individuais, uma vez que sua circulação e visibilidade são continuamente reforçadas pelas dinâmicas algorítmicas das plataformas.

O escárnio público, frequentemente materializado em memes, montagens visuais e comentários irônicos, torna-se um recurso particularmente eficaz de participação política. Ao mobilizar emoções intensas e produzir reconhecimento imediato entre usuários ideologicamente alinhados, esse tipo de conteúdo tende a alcançar altos níveis de engajamento, ampliando sua difusão.

Nesse sentido, como argumenta João Cezar de Castro Rocha (2023), o ambiente digital atual não apenas reflete disputas culturais, ele produz sujeitos moldados por uma estética do confronto e por uma ética da inimizade. O escárnio diante da morte do Papa não se limita ao ataque à figura pessoal, mas constitui um rito discursivo de reforço identitário: rir, ofender, negar o luto são formas de demarcar posição, de performar lealdade ao grupo e de reproduzir a lógica binária da guerra cultural, entre “nós” (os defensores da verdadeira fé, da moral, da tradição) e “eles” (os comunistas, “woke”, ou traidores da Igreja).

Assim, a lógica algorítmica das plataformas contribui para estruturar um ambiente discursivo no qual manifestações de desprezo, ridicularização e antagonismo deixam de operar como desvios ocasionais e passam a constituir práticas comunicacionais recorrentes. Nesse contexto, o escárnio diante da morte do Papa Francisco deve ser compreendido como prática

discursiva inserida em um sistema sociotécnico que favorece a amplificação de narrativas polarizadoras no espaço público digital.

4.2. A “morte simbólica” como regime discursivo

A reação observada diante da morte do Papa Francisco não se apresenta, no *corpus* analisado, como episódio isolado de hostilidade, mas como parte de um padrão discursivo reiterado de deslegitimação póstuma. Nesse padrão, o falecimento não encerra a disputa simbólica em torno da figura pública, funcionando como momento de sua intensificação. A morte passa a operar como gatilho para a reinterpretação negativa de sua trajetória e de seu legado, em um processo que pode ser descrito como cancelamento póstumo.

Nesse regime discursivo, o evento da morte é deslocado do registro do luto e da memória institucional para o campo da disputa política e identitária. Comentários jocosos, memes, emojis e montagens visuais transformam o falecimento em objeto de escárnio coletivo, reconfigurando-o como ocasião legítima de julgamento moral e desqualificação pública.

No *corpus* analisado, esse processo torna-se particularmente evidente em comentários que interpretam a morte de Francisco como momento de correção ou purificação da Igreja Católica. Em diferentes manifestações, o falecimento é apresentado como fim de um suposto desvio doutrinário ou como oportunidade de restauração de uma ordem religiosa considerada legítima. A imagem que representa Cristo expulsando o pontífice (figura 24) sintetiza esse enquadramento, no qual a morte é ressignificada como sanção simbólica.

A literatura sobre humilhação pública digital contribui para compreender essa dinâmica. Como observa Emily Laidlaw (2017), ambientes digitais favorecem processos de exposição e ridicularização coletiva, nos quais narrativas de condenação moral são reiteradas por múltiplos usuários, produzindo efeitos duradouros sobre a reputação dos indivíduos. No caso analisado, essa lógica é projetada para além da vida do sujeito, operando sobre sua memória. Para Danielle Citron (2014) e Karen Mercuri (2023), o linchamento simbólico no ambiente digital não depende da violência física: ele se realiza pela exposição reiterativa à injúria e pela transformação do sujeito em alvo permanente de desqualificação moral.

Nessa perspectiva, a “morte simbólica” não se define apenas pela ausência de reconhecimento público, mas pela presença reiterada de discursos que reconfiguram retrospectivamente a trajetória do indivíduo. O escárnio atua como mecanismo de reclassificação simbólica, por meio do qual o falecimento é incorporado a narrativas de antagonismo político e cultural.

Essa dinâmica se articula às formas de polarização que caracterizam interações digitais contemporâneas. Em ambientes marcados por forte homogeneidade ideológica, eventos públicos tendem a ser interpretados por meio de esquemas binários, nos quais atores são classificados como representantes de campos morais opostos. Nesse contexto, a morte de uma figura pública pode ser mobilizada como evidência simbólica de vitória ou derrota em disputas mais amplas.

Nas interações examinadas, o escárnio dirigido à morte do Papa Francisco opera precisamente nesse registro. Mais do que expressar desprezo individual, esses comentários participam de um processo coletivo de reorganização da memória pública, no qual a circulação reiterada de conteúdos hostis redefine o significado da trajetória do pontífice. A morte, nesse caso, não marca o encerramento da controvérsia, mas sua intensificação final.

Considerações Finais

Este artigo analisou manifestações de incivildade política digital em comentários publicados na plataforma X em resposta a postagens sobre o estado de saúde e a morte do Papa Francisco. A partir da análise do *corpus*, foi possível identificar padrões discursivos recorrentes que reconfiguram a figura do pontífice por meio de enquadramentos políticos, morais e religiosos, deslocando sua autoridade simbólica para o campo do antagonismo ideológico.

Os resultados indicam que essas manifestações não se organizam como episódios isolados de hostilidade, mas como práticas discursivas estruturadas, articuladas a dinâmicas de polarização e reforçadas por ambientes comunicacionais marcados por homogeneidade ideológica. Nesse contexto, a incivildade não opera apenas como desvio comunicacional, mas

como recurso de construção identitária e de delimitação de fronteiras simbólicas entre grupos em disputa.

Um dos principais achados do estudo reside na identificação de um regime discursivo de cancelamento póstumo, no qual a morte da figura pública não encerra a disputa em torno de sua trajetória, mas funciona como momento de sua intensificação. O falecimento passa a ser mobilizado como recurso interpretativo, permitindo a reavaliação retrospectiva do legado do indivíduo à luz de narrativas políticas previamente estabelecidas. Nesse processo, a memória institucional do sujeito é progressivamente substituída por representações polarizadas produzidas no interior das interações digitais.

A análise também evidencia que essas dinâmicas não podem ser compreendidas sem considerar o papel das plataformas digitais. A lógica algorítmica de priorização do engajamento favorece a circulação de conteúdos emocionalmente intensos, contribuindo para a amplificação de discursos marcados por indignação, escárnio e antagonismo. Desse modo, as plataformas não apenas mediam o debate público, mas participam ativamente da configuração de ambientes comunicacionais nos quais determinadas formas de discurso se tornam mais visíveis, recorrentes e socialmente legitimadas.

Ademais, tais manifestações se articulam com o que João Cezar de Castro Rocha (2023) denomina guerra cultural, em que a linguagem, a memória e os afetos são disputados como instrumentos de poder simbólico. As reações ao falecimento do Papa funcionam como performances de antagonismo político, nas quais o escárnio não apenas nega o luto, mas reafirma uma ortodoxia identitária que se vê ameaçada pela figura de Francisco. Sua abertura ao diálogo inter-religioso, sua crítica ao autoritarismo e sua defesa da justiça social o tornaram alvo de campanhas de deslegitimação que, na morte, encontram seu ápice narrativo e simbólico.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para o campo da comunicação política digital ao demonstrar como a incivilidade pode operar como mecanismo de produção de sentido coletivo em contextos de polarização. Ao mesmo tempo, oferece elementos para compreender como disputas político-ideológicas contemporâneas reconfiguram a interpretação pública de lideranças religiosas globais, especialmente em momentos de alta carga simbólica, como o falecimento.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho evidencia a relevância da análise qualitativa de interações digitais combinada a sistematizações quantitativas básicas, permitindo identificar tanto padrões discursivos quanto a distribuição geral dos posicionamentos no *corpus* analisado.

Por fim, os resultados sugerem que, em ambientes digitais contemporâneos, a morte de uma figura pública tende a funcionar não como encerramento de disputas simbólicas, mas como ocasião privilegiada para sua rearticulação. Nesse sentido, compreender as formas de incivildade e os regimes discursivos que emergem nesses contextos torna-se fundamental para a análise das transformações do debate público em sociedades marcadas pela mediação algorítmica e pela intensificação do antagonismo político.

Fontes

- JOVEM PAN NEWS. O Papa Francisco recebeu a extrema-unção, de acordo com o jornal italiano Il Giornale d'Italia. X, 20 fev. 2025a. Disponível em: <<https://x.com/JovemPanNews/status/1892680631059960087>>. Acesso em: 6 maio 2025.
- JOVEM PAN NEWS. Papa Francisco foi um líder humilde, que perseguiu o desejo de reformar a Igreja Católica. X, 21 abr. 2025b. Disponível em: <<https://x.com/JovemPanNews/status/1914499396466827661>>. Acesso em: 6 maio 2025.
- REVISTA OESTE. Papa Francisco deixa legado na história da Igreja Católica. X, 21 abr. 2025. Disponível em: <<https://x.com/revistaoeste/status/1914348907611508995>>. Acesso em: 6 maio 2025.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Ashley A.; BROSSARD, Dominique; SCHEUFELE, Dietram A.; XENOS, Michael A.; LADWIG, Peter (2014). The “nasty effect”: online incivility and risk perceptions of emerging technologies. *Journal of Computer-Mediated Communication*, vol. 19, n. 3, pp. 373-387. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jcc4.12009>>. Acesso em: 18 mar. 2026.
- BARDIN, Laurence (2011). *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70.
- BORMANN, Marike (2022). *Incivility as a violation of communication norms in public online discussions: systematization, perceptions, and reactions*. Tese (Doutorado em Filosofia). Heinrich Heine University Düsseldorf, Düsseldorf.

- CESARINO, Leticia (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.
- CITRON, Danielle Keats (2014). *Hate Crimes in Cyberspace*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- COTA, Wesley; FERREIRA, Silvio C.; PASTOR-SATORRAS, Romualdo; STARNINI, Michele (2019). Quantifying echo chamber effects in information spreading over political communication networks. *arXiv preprint*. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/1901.03688>>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- ENGELMANN, Ines; KLOSS, Andrea; NEUBERGER, Christoph; BROCKMANN, Tobias (2019). Visibility through information sharing. *International Journal of Communication*, vol. 13, pp. 3569–3588. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/9099>>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- HARCOURT, Bernard E. (2012). A política da incivilidade. *Interseções*, vol. 14, n. 2, pp. 299–334. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/3665>>. Acesso em: 8 mar. 2026.
- LAIDLAW, Emily B. (2017). Online shaming and the right to privacy. *Laws*, vol. 6, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/laws6030019>>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- LEE, Jiyoung; CHOI, Jihyang; KIM, Jiwon (2022). Effects of online incivility. *Behaviour & Information Technology*, vol. 41, n. 14, pp. 3013–3027. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/0144929X.2021.1969429>>. Acesso em: 20 mar. 2026.
- LUCERI, Luca; DEB, Ashok; BADAWY, Adam; FERRARA, Emilio. (2019) *arXiv preprint*, arXiv:1902.02765, 2019. Disponível em: <<https://arxiv.org/abs/1902.02765>>. Acesso em 19 mar. 2026.
- MANGEROTTI, Paulo; RIBEIRO, Vasco; GONZÁLEZ-ALDEA, Patricia (2021). Populismo, Twitter e Comunicação Política. *Brazilian Journalism Research*, vol. 17, n. 3, pp. 596–627. Disponível em: <<https://doi.org/10.25200/BJR.v17n3.2021.1415>>. Acesso em: 18 mar. 2026.
- MEDEIROS, Tiago; ORNELAS, Rodrigo; BALDAIA, Fabio; ARAÚJO, Sinval (2024). *O bolsonarismo e o Brasil profundo*. Iguatu, CE: Quipá.
- MERCURI, Karen Tank (2023). *Linchamento virtual e política: um estudo do discurso de ódio em mídias sociais*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- MOROZOV, Evgeny (2018). *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora.
- MUTZ, Diana C. (2006). *Hearing the other side: deliberative versus participatory democracy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NARAYANAN, Arvind (2023). Understanding social media recommendation algorithms. Disponível em: <<https://knightcolumbia.org/content/understanding-social-media-recommendation-algorithms>>. Acesso em: 22 mar. 2026.
- REUTERS (2025). Obituary: Pope Francis shook up Church with simplicity, raising conservative ire. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/obituary-pope-francis-shook-up-church-with-simplicity-raising-conservative-ire-2025-04-21/>>. Acesso em: 6 maio 2025.

- ROCHA, João Cezar de Castro (2023). *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. Belo Horizonte: Autêntica.
- ROSSINI, Patrícia (2021). More than just shouting? *Social Media + Society*, vol. 7, n. 2. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/20563051211014466>>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- ROSSINI, Patrícia; MAIA, Rousiley C. M. (2021). Characterizing disagreement. *Journal of Deliberative Democracy*, vol. 17, n. 1, pp. 90-104. Disponível em: <<https://doi.org/10.16997/jdd.1071>>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- SUNSTEIN, Cass R. (1999). *The law of group polarization*. Chicago: University of Chicago Law School.
- VERDEGEM, Pieter (2024). Dismantling AI capitalism. *AI & Society*, vol. 39, pp. 727-737. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s00146-023-01682-4>>. Acesso em: 11 mar. 2026.
- WOOLLEY, Samuel C., HOWARD, Philip N. (2018). Introduction: Computational Propaganda Worldwide. In: WOOLLEY, S.; HOWARD, P. (eds.). *Computational propaganda*. New York: Oxford University Press. Disponível em: <<https://academic.oup.com/book/25859>>. Acesso em: 12 mar. 2026.
- ZUBIAGA, Arkaitz *et al.* (2016). Analysing how people orient to and spread rumours in social media by looking at conversational threads. *PLOS ONE*, v. 11, n. 3. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0150989>>. Acesso em: 11 mar. 2026.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial Generativa

O autor do artigo acima identificado declara que ao longo da elaboração deste manuscrito foi utilizada a seguinte ferramenta de inteligência artificial: LanguageTool, com a finalidade de: revisão de linguagem — aprimoramento do estilo textual e da clareza. Após o uso das ferramentas, o autor revisou e editou criticamente todo o conteúdo, assumindo total e integral responsabilidade pelo manuscrito publicado, inclusive por eventuais imprecisões ou incorreções.